

# CORPOS E JUVENTUDES: TESSITURAS DE SI NAS REDES DO COTIDIANO ESCOLAR

## BODIES AND YOUTHNESS: FABRICS OF ONESELF ON SCHOLASTIC EVERYDAY NETWORKS

## CUERPOS Y JUVENTUD: TEJIDOS DEL YO EM LAS REDES DE LA VIDA ESCOLAR COTIDIANA

Thayane Araujo Rodrigues<sup>1</sup>  
Ingrid Amorim Lourenço Corrêa<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo objetiva apresentar as experiências do Projeto de Ensino “O que pode um corpo?”. O relato focaliza o trabalho desenvolvido com jovens. Os encontros ocorreram com dinâmicas realizadas a partir de discussões sobre os padrões hegemônicos acerca do corpo. Também evidenciou a amplitude de tais potencialidades na sociedade contemporânea.

**Palavras-chave:** Juventudes; Educação Física; Corpos marginalizados; Identidades Sociais; Multiculturalidade.

**Abstract:** This article aims to present the experiences of the Teaching Project "What can a body do?". The report focuses on the work developed with young people. The meetings took place with dynamics based on discussions about the hegemonic standards of the body. It also evidenced the amplitude of such potentialities in contemporary society.

**Keywords:** Youth; Physical Education; Marginalized Bodies; Social Identities; Multiculturalism.

**Resumen:** Este artículo pretende presentar las experiencias del Proyecto de Enseñanza "¿Qué puede hacer un cuerpo? El informe se centra en el trabajo desarrollado con los jóvenes. Los encuentros se produjeron con dinámicas llevadas a cabo a partir de discusiones sobre las normas hegemónicas sobre el cuerpo. También evidenció la amplitud de tales potencialidades en la sociedad contemporánea.

**Palabras clave:** Jóvenes; Educación Física; Cuerpos Marginados; Identidades Sociales; Multiculturalismo.

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal Fluminense, [thayanerodrigues@id.uff.br](mailto:thayanerodrigues@id.uff.br);

<sup>2</sup> Graduanda no curso de Licenciatura em Educação Física, Universidade Federal Fluminense, [ingridamorim@id.uff.br](mailto:ingridamorim@id.uff.br).

## 1 INTRODUÇÃO

O Projeto de Licenciatura “O que pode um corpo?” do departamento de Educação Física da Universidade Federal Fluminense, propõe criar novas formas de reflexão/ação na Educação Física escolar, a partir de espaços de diálogo que questionem os padrões hegemônicos acerca dos corpos, buscando tensionar as questões como: gênero, raça, religião, classe, orientação sexual, entre outros. Tais identidades sociais<sup>1</sup> (GOMES, 2005) se interseccionam<sup>2</sup> (PUAR, 2013) e, com isso, são permeadas por diversas opressões.

Acreditamos que as identidades sociais são fruto de um sistema de saberes e vivências criadas a partir de um grupo que compartilha de diálogos e afetos<sup>3</sup> (GOMES, 2017). Dessa forma, pensamos em uma educação libertadora que seja potência para o rompimento de paradigmas institucionalizados pela sociedade, e consequentemente, pelo ambiente escolar. Segundo bell hooks (2017, p. 63),

Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo [...] Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.

À vista disso, o estudo é norteado por tais atributos e busca abarcar a amplitude do potencial crítico dos envolvidos no processo, de forma autônoma e emancipada, em vista de uma estrutura de educação que foge dos padrões hegemônicos.

## 2 PERCURSOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

O trabalho ocorreu em 2019, com a turma do segundo ano do Ensino Médio do Colégio Universitário Geraldo Achilles Reis (COLUNI). A turma era composta de 27 alunos e as atividades ocorreram com duração de duas horas. Foram realizadas oficinas onde uma coordenadora do Projeto e uma bolsista mediarão as ações.

Anunciamos que todo o processo é pensado a partir das falas, vivências e experiências dos alunos. E, a imersão nesse trabalho surgiu a partir do conceito decolonial dos paradigmas sociais, que, segundo Bernardino Costa (2016), é

(...) um convite para ir além do provincialismo da epistemologia de homens brancos europeus ou europeizados que produzem invisibilidade de outras experiências histórico sociais de sujeitos subordinados às codificações de gênero, sexualidade e raça (BERNARDINO-COSTA; GROSFOGUEL, 2016, p.18)

Em vista disso, o processo de criação das oficinas tem como base a perspectiva multiculturalista de educação, ao valorizar as diferenças histórico-socio-culturais, e ao

colocar em evidência que a escola é o espaço de “mediação reflexiva daquelas [destas] influências plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações” (CANDAUI, 2008, p.15 apud. GÓMEZ, 1994; 2001). Também dialoga com o conceito de cultura corporal, pois o grupo adota uma maneira de observar, trabalhar e vivenciar, juntamente com os alunos, os corpos construindo amplitudes, e fugindo de uma prática voltada para a técnica ou performance.

Segundo Carrano (2011), apoiado por autores<sup>4</sup>, a concepção de juventude abarca uma

[...] resposta, que não pode ser dada definitivamente, depende tanto de indicadores relacionados a transformações vividas pelo corpo biológico quanto àquilo que se refere aos dados sociais objetivos e às representações que cada sociedade empresta ao conceito de jovem e juventude. Em outras palavras, trata-se da idade objetiva, medida em anos de vida, em combinação com as representações sociais que são feitas sobre as idades (CARRANO, 2011, p.8).

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante a primeira oficina houve um caráter de reconhecimento e apresentação de todos os envolvidos. Por tal motivo, propusemos a apresentação de um texto imagético para entender como esses alunos se relacionavam com o mundo ao seu redor, assim, os/as alunos/as não deveriam compor um autorretrato, mas teriam que demonstrar características de sua personalidade através de imagens.

As meninas da turma dominaram a fala com muita facilidade e deixaram em evidência seus desafetos às atitudes machistas que presenciaram, já que passam também pelo processo de opressão pela sociedade machista, racista e patriarcal que vivemos. (ADICHIE, 2014; BERNARDINO-COSTA; GROSGOUEL, 2016).

Tendo em vista que “o campo educacional se configura como um espaço-tempo inquieto, que é ao mesmo tempo indagador e indagado pelos coletivos sociais diversos” (GOMES, p. 25, 2017), a segunda dinâmica ocorreu através da bolsista e da coordenadora, ao perguntarem como cada um sentia que sua individualidade contribuía para aquela turma. As falas trouxeram uma carga bastante emotiva a respeito da diferença de oportunidades e injustiça social.

Com isso, é importante pensar qual a motriz dessas opressões, tendo em vista que falamos principalmente da diferença entre classes sociais e suas intersecções (PUAR, 2013). Assim como outros países colonizados, o Brasil sofreu um processo de apagamento histórico e genocídio de populações em benefício da manutenção do sistema do colonizador - lê-se epistemicídio<sup>5</sup> e genocídio da população negra e indígena

(MBEMBE, 2018). Ainda que Movimentos Sociais (como MST<sup>6</sup> e Movimento Negro) tenham incentivado e lutado por políticas de equidade durante décadas, esses fragmentos do período colonial assolam a população brasileira (GOMES, 2017).

E, de forma não romantizada, queríamos mostrar para tais alunos que é possível ocupar cargos de liderança e espaço nos meios acadêmicos. Em razão disso, convidamos colegas do curso de Licenciatura para relatarem suas alegrias e dificuldades na história de vida e permanência no espaço acadêmico. O primeiro parceiro de curso relatou a vivência de entrada no meio acadêmico sendo um homem negro, gay e órfão. A segunda colega falou sobre a dificuldade de ser trabalhadora doméstica e mãe, durante a universidade e no processo de vestibulanda. O último contou como foi se enxergar no curso de educação física sendo uma pessoa com deficiência.

O mesmo encontro contou com a participação de dois grupos artísticos: O Projeto de Extensão em Dança CoInspirações do Instituto de Educação Física e o *Wolf Crew* - coletivo de artistas de rua -, de Niterói.

Alguns dos alunos se emocionaram com a apresentação e se inseriram na dinâmica proposta. As discussões acerca da ocupação dos espaços revelaram a realidade de que é importante ter a base para a oportunidade de escolha.

No mesmo período, aconteceu a chacina em Paraisópolis. A situação de violência policial foi tema da apresentação do grupo CoInspirações, e, infelizmente, ratificou o que o grupo tentou expressar sobre como a criminalização da cultura da população preta e pobre, sendo um projeto genocida e epistemicida (GROSFOGUEL 2016, p.43)

Logo, nas sociedades contemporâneas, o Estado age como um regulador/“soberano” dos corpos marginalizados, e, nessa lógica, é ele quem controla a vida e a morte dos indivíduos. Assim, Mbembe (2018, p.41) diz que “a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é ‘descartável’ e quem não é”.

#### **4 CONSIDERAÇÕES**

A escola por ser um espaço habitado por indivíduos que são plurais, precisa incorporar em seu currículo práticas pedagógicas que contemplem essa diversidade. Através das inter-relações dos sujeitos pertencentes a uma sociedade, compreende-se que a cultura está em um contínuo processo de construção e reconstrução, tratando-se de



um movimento dinâmico que tem como resultado a formação de identidades abertas e diferentes grupos socioculturais (CANEN, 2015, p. 96).

As primeiras oficinas foram importantes para reconhecer o grupo, as felicidades e angústias, culturas, conflitos e consonâncias. Através de tais diálogos é que foi possível entender como eles entendem que contribuem para o coletivo por meio de suas próprias individualidades (GOMES, 2017).

Tendo em vista as relações dos alunos com suas identidades sociais (GOMES, 2005), foi possível investigar/compreender as justificativas que os mesmos utilizaram para exprimir suas inquietações a respeito da ausência de oportunidades e injustiças sociais. E, fundamentadas em tais desconfortos, o planejamento da terceira oficina objetivou auxiliar na criação de alternativas, de forma autônoma e emancipada.

As oficinas foram ao encontro dos nossos objetivos, que visavam criar novas possibilidades para pensar/repensar os corpos e a prática da Educação Física escolar. O trabalho teve continuação durante o período pandêmico de forma remota no ano de 2020 e 2021.

## 5 REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e perspectiva negra**. Brasília: Revista Sociedade e Estado, v. 31, n. 1, p. 15-24, 2016. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922016000100015&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69922016000100015&script=sci_arttext). Acesso em: 28 de set. 2020.
- CANDAU, V. M.; MOREIRA, A. F. **Multiculturalismo: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. 2º edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.
- CANEN, Ana. **O Multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação**. Comunicação & política, v.25, n.2, p.091-107, fevereiro, 2015.
- CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: desafios à autonomia e à convivência. **Revista Teias**, v. 12, n. 26, p. 16, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24209/17188>. Acesso em: 27 de set. 2020.
- DAOLIO, Jocimar. A antropologia social e a educação física: possibilidades de encontro. In: CARVALHO, Yara Maria de; RUBIO, Katia. (orgs.) **Educação física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, p. 27-38, 2001.
- DELEUZE, G. **A lógica dos sentidos**. Tradução Luiz Roberto Salinas Forte. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2004.

FAVARETTO, Celso. Arte contemporânea e educação. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 53, n. 1, p. 225-235, 2010. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/41563847.pdf>. Acesso em: 26 de set. 2020.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Secretaria de educação continuada, alfabetização e diversidade. Brasília: Ministério da Educação, p. 39 - 62, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Limitada, 4ª ed., p.153, 2017.

GROSGUÉL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Soc. estado, Brasília, v. 31, n. 1, p.25-49., janeiro/abril, 2016.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2ª ed., p. 283, 2017.

JASBIR, Puar. **“Prefiro ser um ciborgue a ser uma deusa”**: interseccionalidade, agenciamento e política afetiva. *Meritum*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 347, – julho/dezembro, 2013.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de Dança Hoje: textos e contextos**. 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. Tradução de Renata Santini. São Paulo: Arte & Ensaios, 2018.

SOARES, et al. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988.

---

<sup>1</sup> Para Gomes (2005, p.41), Identidade Social “se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivais, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana.”;

<sup>2</sup> Jasbi Puar (2013, p.347) define que “A teoria da interseccionalidade argumenta que todas as identidades são vivenciadas e experienciadas como interseccionais (de tal forma que as próprias categorias são entrecortadas e instáveis) e que todos os sujeitos são interseccionais, independentemente de se reconhecerem ou não como tais”;

<sup>3</sup> Para Nilma Lino Gomes, “a identidade se constrói de forma coletiva, por mais que se anuncie individual”. (GOMES, 2017, p.94)

<sup>4</sup> Carrano cita: Dubet (1996); Galland (1996); Attias-Donfud (1996); Pais (2003);

<sup>5</sup> Para epistemicídio entende-se que: “[...] (o) imaginário dominante esteve presente nos discursos coloniais e posteriormente na constituição das humanidades e das ciências sociais. Essas não somente descreveram um mundo, como o “inventaram” ao efetuarem as classificações moderno/coloniais. **Ao lado desse sistema de classificações dos povos do mundo houve também um processo de dissimulação, esquecimento e silenciamento de outras formas de conhecimento que dinamizavam outros povos e sociedade**” (BERNARDINO-COSTA; GROSGUÉL, 2016, p.18, *grifo nosso*);

<sup>6</sup> Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.